

**U. PORTO**



FACULDADE DE DESPORTO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

## **A Competitividade no Minibásquete**

**Estudo em equipas do escalão de Mini-12 das  
Associações de Basquetebol do Porto, Aveiro e  
Lisboa**

André Filipe Nunes Rodrigues dos Santos

Porto, 2009



## **A Competitividade no Minibásquete**

### **Estudo em equipas do escalão de Mini-12 das Associações de Basquetebol do Porto, Aveiro e Lisboa**

Monografia realizada no âmbito da disciplina de Seminário do 5º ano da licenciatura em Desporto e Educação Física, na área de Alto Rendimento - Basquetebol, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Orientador: Prof. Doutor Amândio Braga dos Santos Graça

Autor: André Filipe Nunes Rodrigues dos Santos

Porto, 2009

## Ficha de Catalogação

Santos, A. (2009). *A Competitividade no Minibásquete: Estudo em equipas do escalão de Mini-12 das Associações de Basquetebol do Porto, Aveiro e Lisboa*. Porto: A. Santos. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

**Palavras-chave:** COMPETITIVIDADE, CRIANÇAS, MINIBÁSQUETE

A vida só tem sentido quando vivida...

Voa Alto, para além do Céu!...

## Agradecimentos

A todos os que permitiram que eu realizasse este trabalho.

À minha namorada por... tudo.

Aos meus pais todo o apoio, carinho e amor que sempre tiveram comigo, bem como o “puxão de orelhas” quando foi necessário!

À minha irmã pela insistência e ajuda, sempre que precisei.

Ao Professor Doutor Amândio Graça pela compreensão e auxílio.

Ao Professor Doutor Eduardo Remor pelo auxílio e rápida resposta na obtenção do questionário Competitividad-10 na versão portuguesa, bem como de vários documentos relacionados com o tema em estudo.

Aos atletas e equipas que participaram deste estudo, em especial ao Centro de Antigos Alunos Salesianos, do qual sou treinador.

Aos meus amigos que me “forçavam” a ir em frente, pelo interesse demonstrado e pelos insultos quando eu abrandava!

Agradeço de forma especial ao Sérgio pela disponibilidade.

Por fim, agradeço ao meu afilhado, por existir na minha vida.

## Resumo

O presente trabalho teve como objectivo perceber em que medida existe competitividade nas crianças com idades compreendidas entre os 10 e 12 anos, praticantes de minibásquete.

A amostra foi constituída por 74 indivíduos, sendo 65 do sexo masculino e 9 do sexo feminino, pertencentes a oito equipas mistas de minibásquete das Associações de Basquetebol do Porto, Aveiro e Lisboa.

Foi aplicado o questionário Competitividade-10, versão portuguesa do autor do original *Competitividad-10* (Remor, 2007), sendo os dados recolhidos antes da competição. Para a análise dos resultados, recorreu-se a procedimentos da estatística descritiva a partir do cálculo da média, desvio-padrão, frequência e percentagem.

Foram obtidos os seguintes resultados: (I) a motivação para o sucesso ( $M=2,54 \pm 0,26$ ) é mais elevada que a motivação para evitar o fracasso ( $M=1,80 \pm 0,39$ ); (II) a competitividade é bastante elevada ( $M=0,74 \pm 0,52$ ); (III) embora a discrepância de número de elementos dificulte a comparação entre sexos, verifica-se que o sexo feminino apresenta valores mais elevados na motivação para evitar o fracasso ( $M=2,00 \pm 0,47$ ) do que o sexo masculino ( $M=1,77 \pm 0,38$ ), traduzindo-se essa diferença essencialmente na competitividade (sexo masculino:  $M=0,77 \pm 0,52$ ; sexo feminino:  $M=0,50 \pm 0,45$ ).

Estes resultados estão de acordo com os estudo consultados (Gill, 1986; Ferreira, 1999; Remor, 2007; Weinberg & Gould, 2007; García-Naveira & Remor, 2009) e permitem concluir que: (I) as crianças praticantes de minibásquete são bastante competitivas; (II) o questionário Competitividade-10 pode ser uma ferramenta útil na compreensão da orientação da motivação das crianças e da sua competitividade. As diferenças sugeridas entre o sexo feminino e masculino carecem de indagação em futuros estudos.

**Palavras chave:** competitividade, crianças, minibásquete.

## Abstract

The purpose of this study is to identify the expression of competitiveness among children basketball players.

A Portuguese version of the *Competitividad-10* (Remor, 2007) was applied to a sample composed of 74 under 12 (ages 10-12) basketball players, being 64 males and 9 females, belonging to eight mixed youth basketball teams from the Portuguese Basketball Associations of Porto, Aveiro and Lisboa. The data were collected before competitions. Descriptive statistics for data analysis included the mean, standard deviation, frequency and percentage.

Results revealed that (I) the motivation for success ( $M= 2,54 \pm 0,26$ ) is higher than the motivation to avoid failure ( $M=1,80\pm 0,39$ ); (II) competitiveness it's quite high ( $M=0,74 \pm 0,52$ ); (III) differences according to gender were precluded by sampling discrepancy however female players show higher values of motivation to avoid failures ( $M=2,00 \pm 0,47$ ) than males ( $M=1,77 \pm 0,38$ ), translating this difference mainly on competitiveness (male  $M=0,77 \pm 0,52$ ; female  $M=0,50 \pm 0,45$ ).

These results are consistent with previous findings (Gill, 1986; Ferreira, 1999; Remor, 2007; Weinberg & Gould, 2007; García-Naveira & Remor, 2009) and support that: (I) children basketball players are very competitive; (II) the questionnaire Competitiveness-10 can be a useful tool in understanding the orientation of motivation of children and their competitiveness. Differences between males and females need to be examined in the future.

**Key words:** competitiveness, children, youth basketball.



# Índice Geral

Agradecimentos .....	ii
Resumo .....	iii
Abstract .....	iv
Índice Geral .....	v
Índice de Tabelas .....	vi
Lista de Abreviaturas.....	vii
<b>1. Introdução</b> .....	<b>1</b>
<b>2. Revisão da Literatura</b> .....	<b>2</b>
<b>3. Objectivos e Hipóteses</b> .....	<b>8</b>
<b>4. Material e Métodos</b> .....	<b>9</b>
4.1. <i>Participantes</i> .....	9
4.2. <i>Instrumentos e Variáveis</i> .....	9
4.3. <i>Procedimento</i> .....	10
<b>5. Resultados</b> .....	<b>11</b>
5.1. <i>Motivação para o Sucesso (MS) e Motivação para Evitar o Fracasso (MEF)</i> .....	11
5.2. <i>Competitividade</i> .....	11
<b>6. Discussão dos Resultados</b> .....	<b>13</b>
<b>7. Conclusões</b> .....	<b>15</b>
<b>8. Bibliografia</b> .....	<b>16</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>22</b>

## Índice de Tabelas

Tabela 1 - Distribuição dos sujeitos segundo a idade .....	9
Tabela 2 - Distribuição dos sujeitos segundo o género.....	9
Tabela 3 - Comparação da motivação para o sucesso e da motivação para evitar o fracasso em função do género .....	11
Tabela 4 - Comparação da competitividade em função do género .....	12

## Lista de Abreviaturas

<b>DP</b>	Desvio Padrão
<b>JDC</b>	Jogos Desportivos Colectivos
<b>M</b>	Média
<b>MS</b>	Motivação para o Sucesso
<b>MEF</b>	Motivação para Evitar o Fracasso
<b>SPSS</b>	Statistical Package for the Social Sciences

## 1. Introdução

“Ganhar ou perder, tudo é desporto”. Hoje em dia, há uma crescente tendência para encarar o desporto como um meio fulcral de aprendizagem, não só motora como cognitiva, dotando os participantes, em especial os mais novos, de um vasto conjunto de experiências (Marques, 1991; Oliveira, 2002). Tal como no antigo ditado popular, o desporto é feito de vitórias e derrotas e ambas fornecem lições valiosas para os seus intervenientes (Cumming *et al.*, 2007).

Nas crianças e jovens, segundo Martens (2004), o sucesso reside em dar o máximo de si mesmo, em trabalhar para desenvolver as próprias capacidades e em apreciar os aspectos sociais e competitivos da experiência desportiva. A ideia de sucesso fixada na obtenção da vitória não pode ser levada ao extremo, senão poderão advir comportamentos negativos, tais como a agressão e a batota. A vitória, tal como a derrota, é inerente à competição, e por consequência ao desporto, já que, como afirmam Marques e Oliveira (2002), não há desporto sem competição.

A competição é entendida como um processo social, onde a comparação entre pares está sempre presente (Passer, 1984, Coakley, 1997, Remor, 2007). Uma vez que existe comparação, as crianças procuram superar-se, quer a si mesmas, quer aos seus colegas e adversários. Assim sendo, é fulcral compreender até que ponto as crianças são competitivas, bem como indagar se essa competitividade pode ser utilizada em benefício do treino e da evolução das próprias capacidades dos jovens atletas.

O propósito deste estudo é, deste modo, examinar a expressão da competitividade em crianças praticantes de basquetebol.

## 2. Revisão da Literatura

### *O basquetebol*

O basquetebol é uma modalidade desportiva inserida nos jogos desportivos colectivos (JDC). Segundo Garganta (1995), os JDC são actividades ricas em situações imprevistas às quais um atleta tem de responder, sendo para isso necessário uma relação complexa de factores intrínsecos e extrínsecos. Assim sendo, são necessárias competências estratégicas e cognitivo-tácticas por parte dos seus intervenientes, bem como o desenvolvimento de competências sociais e competências técnicas (Oliveira & Graça, 1995). Estriga (2000) refere que os factores mais decisivos na escolha dos jovens atletas entre os 9-12 anos para a prática do basquetebol são os psicológicos, coordenativos, sociais e antropométricos.

O desenvolvimento do jogo de basquetebol pode ser analisado segundo relações de ordem técnica-táctica, ataque-defesa ou cooperação-oposição (Tavares, 1996). A primeira refere-se ao conjunto de acções que permitem o desenvolvimento de sistemas e modelos de jogo a partir das capacidades individuais e colectivas; a segunda reporta-se na sua essência à posse de bola (a sua conservação, progressão para o campo adversário e tentativa de pontuar no ataque e a sua recuperação, impedimento da progressão para o campo defensivo e impedimento da pontuação da equipa adversária na defesa); a última é a resultante de um processo de interacção, quer na defesa quer no ataque, de modo a atingir os objectivos da equipa (marcar no ataque e evitar sofrer na defesa).

Deste modo, estão necessariamente inerentes as noções de cooperação e competição (De Rose Junior, 2006; Gonzalez, 2008), que devem ser entendidas como um complemento de cada uma (Botterill, 2005), uma vez que envolvem capacidades e valores complementares, sendo ambas as perspectivas necessárias de modo a providenciar uma visão saudável do basquetebol e do desporto em geral.

## *O Escalão de Minibásquete Mini-12*

*“Diga Minibásquete e não minibasquetebol. Minibásquete quer significar precisamente que este jogo é uma coisa e o basquetebol é outra.”*

Mário Lemos em entrevista a Jorge Schnitzer, Jornal “A Bola” de 25.05.72

(texto retirados do site da Federação Portuguesa de Basquetebol)

O minibásquete privilegia o bem-estar da criança à necessidade de vitórias, assegurando oportunidades iguais de jogar e de divertimento. Utiliza a experiência desportiva como meio educativo e formativo (Mesquita, 1993), devendo os jovens atletas ser avaliados pelo seu desempenho e não pelo simples facto de terem ou não ganho determinado jogo. Araújo (2008) refere que o minibásquete é um jogo desportivo colectivo para crianças e que deve corresponder às exigências do seu crescimento psicológico e fisiológico, respeitando e promovendo a sua necessidade de socialização.

Existem dois modos de medir o sucesso e fracasso, sendo a medida de sucesso que resulta da competição com os outros, e a medida de sucesso baseada no aperfeiçoamento das próprias capacidades, evoluindo para a realização e satisfação pessoal.

Há a necessidade de verificar qual o modo como cada criança avalia o sucesso e o fracasso, sendo necessário reorientar o conceito de sucesso para o progresso pessoal e a participação das crianças, ao invés do resultado (Marques, 1999).

O minibásquete vai muito para além da simples iniciação ao basquetebol, devido às idades dos atletas bem como, em termos de escalão, envolver um universo muito abrangente. É necessário construir um trajecto progressivo da formação das crianças em que os treinadores devem decidir em cada época desportiva, desenvolvendo o domínio cognitivo, afectivo e motor, formando a personalidade individual e colectiva. Deste modo é importante dotar as crianças de um vasto repertório motor e um largo conjunto de experiências (Marques, 1991; Oliveira, 2002), proporcionando simultaneamente prazer a todas as crianças.

Relativamente ao escalão de Mini-12, é necessário perceber que nesta faixa etária (10 – 12 anos) os atletas estão numa fase de socialização, em que aprendem costumes e regras (Sprinthall & Sprinthall, 1993) decisiva na construção da personalidade. É por volta dos 10 ou 12 anos de idade que o processo de socialização permite aos jovens atletas participar em relações competitivas (Passer, 1986; Coakley, 1986). Deste modo as crianças devem aprender a perder e a ganhar, salientando-se acima de tudo o gosto pelo próprio jogo. É necessário às crianças aprender o “como” e “quando” se executam os fundamentos, salientando-se a tomada de decisão. Contudo há que perceber se os objectivos das fases anteriores foram ou não atingidos, actuando em conformidade com as características dos jovens atletas.

Como guia geral, Araújo (2008) propõe:

- Melhoria da qualidade de reacção e da coordenação motora, que em circunstâncias normais, permite a todas as crianças conseguirem encestar (desenvolvimento motor);

- Solicitar a amizade dos companheiros e aumentar a capacidade de empenhamento colectivo, uma vez que os pais começam a ser substituídos pelos líderes de grupo (desenvolvimento social e psicológico);

- Aumento do empenho e capacidade de raciocínio, por aumento da capacidade de atenção (desenvolvimento intelectual).

O minibásquete possui um regulamento próprio e adaptado às crianças nas diferentes faixas etárias (Mini-8, Mini-10 e Mini-12), dando primazia à chamada regra de ouro do basquetebol (ausência de contacto). O comprimento do campo e altura dos cestos são reduzidos e não são permitidas substituições, permitindo um igual tempo de jogo para todos os atletas. As regras são também adaptadas, sendo exigidas espontaneamente pelas crianças a partir do momento em que tomam consciência de que são condição indispensável para jogarem melhor e terem a possibilidade de se divertirem mais (Araújo, 2008).

## *Competitividade*

Para se entender a competitividade, é necessário recorrer à definição de competição. Competição é definida como um processo social (Passer, 1984; Coakley, 1997; Lima, 2000) que ocorre quando são dadas recompensas às pessoas tendo por base a sua performance relativamente aos seus adversários (Andrade, 2001). Além disso, a componente avaliativa social da competição é crítica para este processo (Remor, 2007), uma vez que a competição envolve sempre um julgamento comparativo e os atletas são sempre avaliados tendo como base a sua prestação. Como refere Johnson (1993), competir é acerca de ganhar e perder, não havendo desporto sem competição (Marques & Oliveira, 2002), percebendo no entanto que não é inerentemente boa ou má, podendo produzir resultados positivos (aumento da auto-estima, confiança, divertimento) como resultados negativos (batota, preocupação exclusiva com o ganhar, agressão).

Weibeng (2005) refere que um dos erros mais cometidos aquando da definição de objectivos é focar somente ou predominantemente objectivos competitivos. Isto não implica que a definição de objectivos competitivos seja inapropriada, antes pretende sublinhar que os objectivos de prática não sejam esquecidos (Bell, 1983). Dando ênfase ao ganhar na maioria dos desportos competitivos, não admira que os objectivos de competição centrados no resultado desportivo sejam predominantes (Marques, 1999), especialmente em desportos com poucos eventos competitivos e individuais (como ginástica ou patinagem artística).

A competitividade surge naturalmente da competição, sendo considerada por alguns treinadores como uma das características mais desejadas nos seus desportistas (Weinberg & Gould, 1996). Martens (1975), que identificou quatro fases da competição (situação competitiva objectiva, situação competitiva subjectiva, resposta e consequência), definiu competitividade como uma disposição para se esforçar em satisfazer um modelo de excelência quando se fazem comparações em presença de avaliadores externos.



A competitividade é vista como uma característica pessoal que influencia a conduta humana (Gill, 2000) numa variedade de dimensões da vida, onde o desejo de ganhar está mormente presente (Helmreich & Spencer, 1978; Marques, 1999; García-Naveiro & Remor, 2009). Todavia competitividade não quer dizer obrigatoriamente necessidade de vencer (Merten, 2008).

Gill e Deeter (1986) definiram competitividade como o desejo de se aproximar e esforçar-se para o sucesso em situações desportivas. Segundo Remor (2007), a competitividade constitui uma conduta de realização num contexto competitivo. Igualmente, através da experiência o indivíduo aprende quais as condutas e atitudes que são socialmente mais apropriadas (García-Naveira & Remor, comunicação pessoal, 14 Mai 2009) fazendo com que busquem os seus objectivos (Vasconcelos-Raposo & Simões, 1995; Vasconcelos-Raposo & Carvalho, 1998; Vasconcelos-Raposo & Silva, 2002) com total entrega (Araújo, 2002; Eitzen, 2005).

Uma das formas de um atleta se tornar mais competitivo é a de viver num meio onde essas características estejam presentes (Partington, 1988), tornando as condicionantes mais competitivas (Faria & Tavares, 1996).

A competitividade, quando excessivamente presente num indivíduo, leva a atitudes de exclusão, onde apenas vencer ou obter fama com o sucesso são factores determinantes para a prática desportiva. Por outro lado, a competitividade pode formar integralmente o desportista, fazendo com que se supere a si mesmo, conheça os seus limites e se esforce por alcançar patamares mais elevados de performance (Paredes Ortiz, 2002). Assim, a competitividade pode ser entendida como motivação para a realização (Weinberg & Gould, 2007) que se desenvolve em três fases sequenciais, isto é, que não se pode atingir uma sem passar primeiro pela anterior. Essas fases são:

- Fase da competência autónoma; que ocorre sensivelmente antes dos 4 anos de idade, em que as crianças se focam em dominar o seu meio envolvente bem como as suas próprias capacidades (testam-se a si mesmos), raramente se comparando com os seus pares sociais.

- Fase da comparação social; que começa por volta dos 5 anos de idade, atendendo a comparações directas da performance da criança com a dos outros, ao contrário do que acontece na fase anterior, preocupando-se com quem é melhor, mais rápido, mais forte.

- Fase de Integração; que envolve estratégias de comparação social e estratégias de competência autónoma, já que o indivíduo que domina a integração sabe quando é apropriado competir e comparar-se com os outros, bem como quando é apropriado adoptar referências estandardizadas.

Já Sadi (2008) salienta uma relação entre competitividade, criatividade e compreensão de modo a incrementar os resultados positivos de inclusão e permanência nas actividades desportivas. O mesmo autor refere que a competitividade pode ser quantificada de modo a obter uma classificação que permita situá-la entre um nível elementar até um patamar tolerável, evitando deste modo a competitividade excessiva.

Ferreira (1999) constatou que os atletas de escalões de formação atribuem uma grande importância à competitividade, sendo apenas ultrapassado pela necessidade de aprendizagem, tendo ainda esses mesmos atletas objectivos claramente orientados para o ego, em detrimento da orientação para a tarefa. Já Pinto (2002) refere que é cada vez mais crescente a competitividade no desporto das crianças e jovens.

Deparando-nos com as recomendações do Comité Nacional de Minibásquete, com concentrações tendencialmente não competitivas, com ausência de marcadores, resultados e, conseqüentemente, de vencedores e vencidos, importa perceber até que ponto as crianças são competitivas e o modo como podemos traduzir essa competitividade de modo a melhorar os processos de treino e ensino na modalidade de basquetebol.

### **3. Objectivos e Hipóteses**

Este trabalho tem como principal objectivo analisar a competitividade de jovens praticantes de basquetebol, entre os 10 e os 12 anos de idade.

As razões na base deste trabalho centram-se na ideia crescente de que nos desportos de crianças e jovens a competição pode ser relegada para segundo plano, uma vez que o excesso de competitividade pode levar a abandono da prática desportiva. Com este trabalho esperamos compreender melhor quais os níveis de competitividade das crianças praticantes de basquetebol, se a sua orientação motivacional é orientada para o sucesso ou para evitar o fracasso, de modo a possibilitar uma maior intervenção junto dos mesmos, optimizando o treino.

Assim, formulamos a seguinte hipótese:

As crianças com idades compreendidas entre 10-12 anos, praticantes de minibásquete, possuem maior motivação para o sucesso do que para evitar o fracasso e conseqüentemente revelam elevados níveis de competitividade.

## 4. Material e Métodos

### 4.1. Participantes

A amostra é constituída por 74 atletas do escalão de Sub 12 de minibásquete das Associações de Basquetebol do Porto, Aveiro e Lisboa, integrados em 8 equipas. Os atletas nasceram entre 1997 (35; 47%), 1998 (33; 45%) e 1999 (6; 8%) (Tabela 1), sendo 65 atletas do sexo masculino (88%) e 9 atletas do sexo feminino (12%) (Tabela 2).

Tabela 1 - Distribuição dos sujeitos segundo a idade

Data de Nascimento	nº	%
1997	35	47
1998	33	45
1999	6	8
Total	74	100

Tabela 2 - Distribuição dos sujeitos segundo o género

Género	nº	%
Masculino	65	88
Feminino	9	12
Total	74	100

### 4.2. Instrumentos e Variáveis

A Idade e Género foram obtidas directamente na ficha pessoal de cada atleta.

A Motivação para o Sucesso, Motivação para Evitar o Fracasso e Competitividade foram avaliadas com o questionário Competitividade-10 (Anexo 1), tradução portuguesa do autor do original Competitividad-10. O referido questionário é um breve questionário auto-informativo que possui dez

questões acerca das motivações associadas à competitividade desportiva, através quer da motivação para o sucesso, quer da motivação para evitar o fracasso. O formato da resposta é do tipo Likert, com três respostas possíveis, mediante a opinião de cada atleta (1 – quase nunca; 2 – às vezes; 3 – quase sempre). Obtém-se uma pontuação independente para a subescala motivação para o sucesso (MS) e motivação para evitar o fracasso (MEF) mediante a soma dos itens de cada subescala e calculando a sua média ponderada. Os resultados obtidos poderão oscilar entre 1 e 3. O Indicador de Competitividade obtém-se pela diferença entre MS e MEF. Resultados da diferença positivos indicam que o atleta tem alta motivação para competir, enquanto resultados negativos indicam baixa motivação para competir. Se o resultado for zero, o atleta encontra-se num estado de indiferença em relação à motivação para competir.

#### **4.3. Procedimento**

A avaliação dos atletas ocorreu antes da competição, sendo o questionário autorizado e explicado por cada responsável de equipa, após estes serem elucidados acerca do tema e objectivos do questionário. O questionário foi individual e foi mantida a confidencialidade dos dados, pelo que não há identificação de cada atleta. Assim, a cada questionário elaborado, foi atribuído um número mecanográfico para termos de identificação na recolha de dados.

Os dados estatísticos foram analisados através do programa SPSS, versão 16.0, utilizando médias, desvio-padrão, frequências e percentagens.

## 5. Resultados

Foram realizados e validados 74 questionários, sendo a amostra indicativa do escalão de Mini 12 de minibásquete.

Através da aplicação do questionário Competitividade-10, foram obtidos os seguintes resultados:

### 5.1. *Motivação para o Sucesso (MS) e Motivação para Evitar o Fracasso (MEF)*

Analisando os resultados das questões 1, 2, 3, 5, 8 e 10, obtivemos uma média para a MS de 2,54 (DP 0,26), o que representa resultados próximos do máximo possível.

Analisando as questões 4, 6, 7 e 9, obtivemos uma média para a MEF de 1,80 (DP 0,39).

Relativamente ao género, a grande disparidade entre o número de inquiridos referentes aos sexos masculino e feminino inviabiliza a respectiva comparação de médias.

A Tabela 3 apresenta os resultados para a MS e MEF, para o género masculino e feminino, assim como os resultados globais.

Tabela 3 - Comparação da motivação para o sucesso e da motivação para evitar o fracasso em função do género

	Global M ± DP	Fem M ± DP	Masc M ± DP
Motivação Para o Sucesso	2,54 ± 0,26	2,50 ± 0,22	2,55 ± 0,27
<i>Motivação para Evitar Fracasso</i>	1,80 ± 0,39	2,00 ± 0,47	1,77 ± 0,38

### 5.2. *Competitividade*

Calculada pela diferença entre MS e MEF, obteve-se para a competitividade, uma média de 0,74 (DP 0,52). Embora haja diferenças entre o

género, estas não são estatisticamente significativas, pela razão apresentada no ponto anterior (Tabela 4).

Tabela 4 - Comparação da competitividade em função do género

	Global M ± DP	Fem M ± DP	Masc M ± DP
Competitividade	0,74 ± 0,52	0,50 ± 0,45	0,77 ± 0,52

## 6. Discussão dos Resultados

O presente estudo identificou a presença de elevados índices de competitividade em crianças com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos, praticantes de basquetebol. Como afirma Araújo (2008), gostam que sejam postos à prova consigo mesmos e com os outros, buscando todavia o divertimento.

Este estudo permitiu verificar que nesta faixa etária, as crianças estão mais motivadas para o sucesso do que para evitar o fracasso. Embora existam ausências de estudos acerca da competitividade nestas idades, estes resultados estão em linha com estudos para idades superiores (Ferreira, 1999; Remor, 2007; Weinberg & Gould, 2007; García-Naveira & Remor, 2009).

Os resultados sugerem diferenças entre géneros, todavia devido à grande discrepância entre o número de inquiridos do sexo masculino (64) e do sexo feminino (9) não nos permitem assegurar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre o género. Através da consulta de outros trabalhos (Gill, 1986), podemos supor a existência de alguma diferença e, como tal, sugerimos que em estudos futuros a amostra estudada tenha em atenção o número de inquiridos do sexo feminino para que possa ser elaborado um estudo comparativo entre os géneros.

Analisando estes resultados, comprova-se que as crianças atribuem grande importância à competitividade, como demonstrado por Ferreira (1999). Todavia, o mesmo autor referiu que essa importância era ultrapassada pela necessidade de aprendizagem, o que é indicador importante para o educador ou treinador dos jovens praticantes aquando da formulação dos objectivos. Há que ter em conta a competitividade própria das crianças, de modo a que essa mesma competitividade seja orientada para a sua melhoria pessoal, quando comparados com o seu nível inicial, bem como o nível dos seus pares.

O estudo realizado permitiu corroborar a hipótese inicial de que crianças com idades compreendidas entre os 10 e 12 anos possuem maior motivação



para o sucesso do que para evitar o fracasso e, conseqüentemente, elevados níveis de competitividade.

Como recomendações futuras, sugerimos um estudo que abranja escalões etários mais variados, bem como o nível competitivo do mesmo, seguindo o caminho iniciado por García-Naveira e Remor (2009), não só no caso do basquetebol, como do desporto em geral. Sugerimos também estudos que suportem o estudo de Gill (1986) relativamente ao sexo feminino, percebendo desta forma como evoluiu a competitividade relativamente ao género nos últimos 20 anos.

## 7. Conclusões

O tema do nosso trabalho centrou-se na competitividade dos jovens atletas praticantes de minibásquete, com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos. Partindo das escolhas de cada um ao aplicar o questionário Competitividade-10, pudemos perceber em que medida os inquiridos são ou não competitivos.

Mediante os resultados apresentados, a hipótese de partida por nós elaborada foi confirmada, demonstrando que as crianças, na faixa etária estudada, demonstram grandes níveis de competitividade. Esta competitividade é adquirida através da diferença entre a motivação para o sucesso e a motivação para evitar o fracasso, pelo que nos é possível também referir que as crianças dentro de equipas federadas de minibásquete estão mais motivadas para o sucesso.

Há a necessidade de aprofundar o nosso conhecimento acerca das diferenças entre o sexo feminino e masculino nesta faixa etária, já que a divergência de número entre o sexo masculino e feminino era muito elevada, não permitindo verificar se havia diferenças estatisticamente significativas.

O questionário Competitividade-10 pode ser uma ferramenta útil para o treinador e/ou educador na compreensão da orientação das motivações dos atletas e/ou educandos, bem como da sua competitividade face ao desporto em geral e ao basquete em particular.

## 8. Bibliografia

Adelino, J. (1991). *As coisas simples do basquetebol*. Lisboa: ANTB.

Araújo, J. (2002). Motivação. *Training*, 7, 16-18.

Araújo, A. S. P. (2008). *Manual de Treinadores de Minibásquete*. In N. Branco, *Compilação de documentos produzidos por FPB, ENB e CNMB para aplicação nos escalões de Minibásquete*. Lisboa: CMB ABSM.

Coakley, J. (1997). *Sport in Society: Issues and controversies (5th ed.)*. St. Louis: Time Mirror/ Mosby College.

Costa, Sónia – A História do Minibásquete. *Federação Portuguesa de Basquetebol*. 14 Nov 2005.

Consult. 20 Mai 2009, disponível em:

[http://oracle.fpb.pt/fpb\\_zone/portal/img/home\\_293/fotos/76528056861401240114.pdf](http://oracle.fpb.pt/fpb_zone/portal/img/home_293/fotos/76528056861401240114.pdf)

Cumming, S.; Smoll, F.; Smith, R. & Grossbard, J. (2007). Is Winning Everything? The Relative Contributions of Motivational Climate and Won-Lost Percentage in Youth Sports. *Journal of Applied Sport Psychology*, 19, 322-336.

Cura, P. (1995). *Proposta de abordagem para o minibasquete – quadros competitivos*. Porto: P. Cura. Monografia de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

De Rose Junior, D. (2006). *Modalidades Esportivas Colectivas: o Basquetebol*. In D. De Rose Junior, *Modalidades Esportivas Colectivas* (vol.1, pp. 113-117). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Durand, M (1987). *L'enfant et le sport. Pratiques corporelles*. Paris: Presses Universitaires de France.

Eitzen, D. (2005). *Ethical dilemmas in American sport: The dark side of competition*. In: D. S. Eitzen (Ed.), *Sport in contemporary society: An anthology (7th ed.)*, pp. 165-174). Boulder, CO: Paradigm Publishers.

Estriga, M. L. D. (2000). *Orientação Desportiva em crianças e jovens nas modalidades de Andebol, Basquetebol e Voleibol*. Porto: M. L. D. Estriga. Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ciências do Desporto, na área de especialização em Treino de Alto Rendimento Desportivo. FCDEF-UP.

Faria, R. & Tavares, F. (1996). *O Comportamento Estratégico. Acerca da autonomia de decisão nos jogadores de desportos colectivos*. In J. Oliveira; F. Tavares (Eds.), *Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Colectivos* (pp. 33-38). Porto: CEJD, FCDEF-UP.

Ferraz, M. G. (2002). *Questões de género na aula de Educação Física: Representações de alunas e alunos do 9º Ano da Escola Básica do 2º,3º Ciclos de Santiago*. Porto: M. G. Ferraz. Tese de Mestrado em Desporto para Crianças e Jovens apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Ferreira, M. (1999). *Motivação desportiva e percepção de ameaça na competição, em atletas de diferentes escalões e níveis competitivos, do futebol de 11 juvenil masculino*. Porto: M. Ferreira. Tese de Mestrado em Treino de Alto Rendimento apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

García-Naveira, A. & Remor, E. *Motivación de logro, indicadores de competitividad y rendimiento en un equipo de deportistas (Fútbol) de competición varones entre 14 y 24 años*. Correio electrónico para André Santos. 14 Mai 2009. Comunicação pessoal.

Garfield, C.A. (1986). *Peak performers: the new heroes of America business*. New York: Avon Books.

Garganta, J. (1995). *Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos*. In A. Graça; J. Oliveira (Eds.), *O ensino dos jogos desportivos (3ª Ed.)*. Porto: CEJD, FCDEF-UP.

Garrido Quiroz, R. & Romero, A. (2008). ¿Podrá alguna vez en su historia la selección chilena de fútbol llegar a ser campeón en un mundial, u obtener medalla de oro en una Olimpiada, o bien campeón de América, o primero en...? *Alto Rendimiento y Competitividad*.

Consult. 09 Set 2009, disponible em:

<http://www.fundacionasciende.com/publicaciones-de-fundacion-asciende/articulos/23-alto-rendimiento-y-competitividad>

Gill, D., Gross, J. & Huddleston, S. (1983). Participation motivation in youth sports. *International Journal of Sport Psychology*, 14.

Gill, D. & Deeter, T. (1986). Initial Development of a Multidimensional, Sport-Specific Competitiveness Inventory. *Paper presented at the National Convention of the American Alliance for Health, Physical Education, Recreation and Dance*. Cincinnati, OH: ERIC Clearinghouse on Teacher Education.

Gill, D., Dzelwattowsky, D. & Deeter, T. (1988). The relationship of competitiveness and achievement orientation to participation in sport and nonsport activities. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 10, 139-150.

Gill, D. (1986). Competitiveness Among Females and Males in Physical Activity Classes. *Sex Roles*, vol. 15, 5/6, 233-247.

Gill, D. (2000). *Psychology Dynamics of Sport and Exercise*. Champaign, IL: Human Kinetics.

Houston, J. M., McIntire, S. A., Kinnie, J. & Terry, C. (2002b). A factorial analysis of scales measuring competitiveness. *Educational and Psychologist Measurement*, 62 (2), 284-298.

Johnson, C. (1993). *Children and Competition*. North Carolina Cooperative Extension Service. Raleigh, NC: North Carolina State University.

J. Lázaro; E. Casimiro & H. Fernandes (2005). *Determinação do perfil psicológico de prestação do jogador de andebol português: um estudo em atletas da liga e da divisão de elite*.

Consult. 15 Mai 2009, disponível em:

[http://psicologia.com.pt/artigos/ver\\_artigo.php?codigo=A0269&area=d14&subarea=](http://psicologia.com.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0269&area=d14&subarea=)

Kayhan, E. (2003). *Two Facets of Competitiveness and Their Influence on Psychological Adjustment*. Psychology Honors Projects. Illinois Wesleyan University.

Lima, T. (2000). *Competições para Jovens*. In: *O melhor da revista Treino Desportivo* (pp. 235-248). Lisboa: CEFD.

Marques, A. (1991). *A Especialização Precoce na Preparação Desportiva*. *Treino Desportivo*, II Série, nº 19, pp. 9-15. Lisboa: Direcção Geral dos Desportos.

Marques, A. (1997). *A Criança e a Actividade Física. Inovação e Contexto*. Maputo: Universidade Pedagógica de Maputo. Actas do V Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa. 1º vol.

Marques, A. (1999). *Crianças e Adolescentes Atletas: entre a escola e os centros de treino... entre os centros de treino e a escola*. In: J. Adelino; J. Vieira & O. Coelho (Coord). *Treino de Jovens* (pp. 17-30). Lisboa: CEFD, Secretaria de Estado do Desporto.

Marques, A. & Oliveira, J. (2001). *O Treino dos Jovens Desportistas. Actualização de alguns temas que fazem a agenda do debate sobre a participação dos mais jovens*. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, vol. 1, nº1, pp. 130-137. Porto: FCDEF-UP.

Marques, A. & Oliveira, J. (2002). *O Treino e a Competição dos Mais Jovens: Rendimento versus Saúde*. In V. Barbanti; A. Amandio; J. Bento; A. Marques. (Orgs). *Esporte e Atividade Física. Interação entre Rendimento e Qualidade de Vida*. São Paulo: Editora Manole Ltd.

Martens, R. (1975). *Social Psychology of Sport*. New York: Harper & Row.

Martens, R. (1976). Competitiveness in Sport. *Paper presented at International Congress of Physical Activity Sciences*, Quebec, Canada.

Martens, R. (2004). *Successful coaching (3<sup>rd</sup> Ed.)*. Champaign, IL: Human Kinetics.

Merten, J. (2008). Acceptability of dating violence among late adolescents: the role of sport participation, competitive attitudes, and selected dynamics of relationship violence. *Adolescence*, vol. 43, n<sup>o</sup> 169.

Mesquita, I. (1993). *A complexidade das tarefas enquanto factor discriminante da qualidade da resposta motora em voleibol*. In J. Bento; A. Marques (Eds.), *A Ciência do Desporto, a Cultura e o Homem* (pp. 329-339). Porto: Universidade do Porto.

Mesquita, I. (1997). *Pedagogia do Treino – a formação em jogos desportivos colectivos*. Lisboa: Livros Horizontes.

Oliveira, V. (2002). *O processo de ensino dos jogos desportivos colectivos: um estudo acerca do basquetebol*. Campinas: V. Oliveira. Dissertação de Mestrado apresentado à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.

Oliveira, J. & Graça, A. (2005). *O ensino do basquetebol*. In A. Graça; J. Oliveira (Eds.), *O ensino dos jogos desportivos (3<sup>a</sup> Ed.)*. Porto: CEJD, FCDEF-UP.

Paredes Ortiz, J. (2002). *El deporte como juego: un análisis cultural*. Alicante: J. Paredes Ortiz. Tese de Doutoramentos apresentado à Universidade de Alicante.

Partington, J. (1988). Para ser um treinador completo. *Treino desportivo*, 13, 30-37.

Pinto, S. (2002). *Prática desportiva, orientação para o sucesso e desenvolvimento do raciocínio moral em adolescentes*. Porto: S. Pinto. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Sandi, R. (2008). Compreensão, Criatividade e Competitividade em Jogos Esportivos Coletivos: Propostas de avaliação em Educação Física. *Arquivos em Movimento*, v.4, nº2. Rio de Janeiro: EEFD – UFRJ.

Scanlan, T. (1984). *Competitive stress in children*. In: M. Weiss (Eds.), *Sport for children and youths*. Champaign, IL: Human Kinetics Publishers.

Sprinthall, N. & Sprinthall, R. (1993). *Psicologia Educacional – Uma Abordagem Desenvolvimentista*. Lisboa: McGraw-Hill.

Tavares, F. (1996). *Manual de Basquetebol. Documento de apoio à disciplina de Estudos Práticos I – Basquetebol*. Porto: AEFCDEF-UP

Vasconcelos-Raposo, J. & Coelho, A. (1995). *Caracterização do perfil psicológico de prestação de basquetebol de acordo com o nível competitivo*. Vila Real: UTAD.

Vasconcelos-Raposo, J. & Simões, P. (1995). *Diferenças do perfil psicológico de prestação, ansiedade e orientação cognitiva entre quatro equipas juvenis de basquetebol segundo a classificação obtida*. Vila Real: UTAD.

Vasconcelos-Raposo, J. & Carvalho, F. (1998). *Caracterização do perfil psicológico de prestação do jogador de futebol os diferentes campeonatos nacionais, 1ª divisão, 2ª divisão de honra, 2ª divisão B e 3ª divisão nacional*. Vila Real: UTAD.

Vasconcelos-Raposo, J. & Silva, D. (2002). *O perfil psicológico de prestação e orientação cognitiva do jogador de futsal*. Vila Real: UTAD.

Weinberg, R. (2005). *Goal Setting Sport and Exercise: Research to Practice*. In: *Exploring Sport and Exercise Psychology*, (3<sup>rd</sup> Ed). pp. 25-48. American Psychological Association, Washington DC.

Weinberg, R. & Gould, D. (2007). *Foundations of Sport and Exercise Psychology* (4<sup>a</sup> Ed). Champaign, IL: Human Kinetics.



## Anexos

### Questionário COMPETITIVIDADE-10

Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Sexo: Masculino  Feminino

No quadro abaixo encontrarás dez frases que indicam vivências que os desportistas podem experimentar quando estão a competir. Lê cada uma delas com atenção e decide até que ponto estas situações se aplicam a ti quando estás a competir nos jogos de basquetebol.

Não existem respostas corretas ou incorretas. Recorda, escolhe a opção que descreve melhor como te sentes ou actuas quando estás a competir.

	Quase nunca	Algumas vezes	Com frequência
1 Sinto-me com vontade de competir.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2 Desejo ser o melhor cada vez que compito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3 Detesto perder em competição.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4 Os erros durante a competição fazem-me sentir e pensar negativamente sobre mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5 Sinto-me motivado para dar o melhor de mim mesmo na competição.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6 Sinto-me melhor e penso que rendo mais nos treinos que na competição.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7 Preocupa-me o que outros possam pensar de minha actuação.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8 Quanto mais difícil é o desafio, melhor actuo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9 Quando cometo um erro durante a competição fico desgostoso e tudo me corre mal.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10 Se pessoas importantes me observam durante a competição, preocupo-me e prefiro que não assistam.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Confidencialidade: Este questionário é pessoal e confidencial, pelo que cada indivíduo terá um número mecanográfico ao invés da identificação nominal.

----- Não mostrar ao avaliado -----

Para corrigir as pontuações do questionário:

Quase nunca = 1 ponto

Algumas vezes = 2 pontos

Com frequencia = 3 pontos

Motivação para o sucesso (Ms) \_\_\_ + \_\_\_ + \_\_\_ + \_\_\_ + \_\_\_ + \_\_\_ / 6 =

ÍTEMS 1 2 3 5 8 10\*

Motivação para evitar o fracasso (Mef) \_\_\_ + \_\_\_ + \_\_\_ + \_\_\_ + / 4 =

ÍTEMS 4 6 7 9

Competitividade \_\_\_ (Me) – \_\_\_ (Maf) = \_\_\_\_\_

Nota importante: \*inverta as pontuações do ítem 10 (ex.: 3=1, 2=2, 1=3)

**Referência:**

Remor E. (2007). Propuesta de un cuestionario breve para la evaluación de la competitividad en el ámbito deportivo: COMPETITIVIDAD-10. *Revista de Psicología del Deporte*, 16 (2), 167-183.